

Investindo no olhar de múltiplas dimensões

Camila Luiza Petry Marcon

Já estamos escrevendo nossos artigos há quase três meses e neste período os alunos da turma seguiram por rumos diferentes, abordando os mais variados assuntos. Alguns escrevem com coração, com alma. Outros, como eu, escrevem sobre assuntos relacionados ao mercado.

Durante a aula da última quarta-feira, dia 16 de maio, na reunião sobre o trabalho que estou realizando com o professor Cleon Gostinski, fui instigada a extrapolar, a escrever muito mais do que sempre fiz, fugir das regras e dos parâmetros que sempre adotei como modelo.

Num primeiro momento fiquei brava, triste e chocada com as colocações feitas pelo professor. Porém, logo após a conversa quando retornei ao meu lugar na sala de aula, comecei a pensar sobre todas as questões e concluí que muitas das observações realizadas pelo professor estavam corretas e foram realizadas para me auxiliar no meu processo de mudança e aprendizagem.

Até hoje, sempre trabalhei em áreas administrativas de empresas, com regras, regulamentos e trabalhos padronizados. Sou estudante do curso de Comunicação Social e depois do diálogo com o professor, constatei a necessidade de iniciar e abordar novos rumos na minha carreira como profissional de Relações Públicas. Resolvi começar a mudança através do artigo desta semana, escrevendo sobre a necessidade da busca de novos conhecimentos, de um novo posicionamento, da iniciativa, da atenção aos detalhes. Com isso terei uma visão muito mais ampla e privilegiada em relação aos profissionais de outras áreas.

Neste semestre, estamos cursando a disciplina de Projetos Experimentais. É a primeira disciplina que realizamos trabalhos não só em sala de aula, mas também com um cliente real. Nossa turma foi dividida em quatro grupos e cada grupo escolheu seu cliente no início do semestre. Diagnósticos e prognósticos foram realizados, pesquisamos o histórico da empresa, realizamos visitas para conhecer realidades e depois planejamos ações para serem implementadas, visando melhorias.

No mês passado, a professora desta disciplina, Marley Rodrigues, nos passou uma mensagem via e-mail que contava uma história ocorrida nos Estados Unidos. Era a história de uma menina de treze anos que foi escolhida por sua afinção em um concurso para cantar o hino nacional americano na abertura de um importante campeonato de basquete. Ocorreu que a menina começou cantando muito bem, mas, lá pelas tantas, “engasgou” e esqueceu a letra. Os milhares de torcedores presentes se prepararam para vaiar a menina, o que acabaria com sua auto-estima, mas antes disso acontecer o técnico de um dos times, com enorme sentido de grandeza, surgiu ao seu lado e começou a cantar, incentivando a menina a cantar novamente e todo o público que estava presente também.



Comparei a minha história com a da menina. No caminho que estamos trilhando sempre vamos encontrar muitas pessoas que não estarão dispostas a nos auxiliar e que sempre tentarão “tirar nosso tapete”, mas, ao mesmo tempo, encontraremos pessoas que nos ajudarão a enxergar as coisas de maneira diferente. Amigos para todos os momentos, não só nas horas de felicidade, mas nas horas em que mais precisarmos de alguém para “cantar” com a gente.

Acordem relações públicas: chegou a nossa vez!

Paula Cristiane Pereira dos Santos

Quando pensamos que estamos fazendo a coisa errada, não nos damos conta que estamos no caminho certo. Trabalho na área da saúde e sou assistente do Dr. Mario Sperb, especialista em ginecologia e obstetria. Além de assistente, comecei a desenvolver a função de secretária e a administrar o financeiro de sua clínica, localizada na cidade de Esteio.

A princípio, eu imaginava que estava no emprego errado, que a função que eu desempenhava em nada correspondia com o meu curso de Relações Públicas. E, como todo estudante, queremos por em prática o nosso aprendizado.

Walter Groesel



Aos poucos fui me dando conta que, de certa maneira, já estava prestando assessoramento ao Dr. Sperb. A partir deste momento, comecei a pesquisar as fichas dos pacientes antes da consulta. Com essa atitude se

evitaria constrangimentos por parte do meu líder, que é uma pessoa muito espontânea. Sempre que uma paciente sua dá a luz (parto), mando entregar ou eu mesmo entrego uma lembrança em nome do Dr. Sperb. Sem falar que pesquiso e organizo todo o material de palestras. Faço tudo isso utilizando a habilidade de um relações públicas.

Hoje, além de ser sua assistente, sou sua assessora e já estou prestando auxílio a outros profissionais de medicina na organização e elaboração de material para palestras. Pretendo me especializar nessa área, prestando assessoramento a clínicas médicas e hospitais.

Espero que essa minha experiência sirva de motivação para outros alunos do curso, que, eventualmente, podem sentir-se desestimulados, por pensarem em estar no ambiente errado.

Sejam relações públicas, independente do emprego ou lugar que estão. Nossa área de trabalho é imensa e não nos damos conta. Abram os olhos, e mostrem para o mundo do que somos capazes. Não esperem que uma oportunidade de relações públicas bata a sua porta, ocupe o espaço onde você esta inserido neste momento.

Relações públicas: uma “arma” na adaptação de novos executivos

Luiz Fernando Valentini

Estudos apontam que a troca de funções entre executivos pode demorar meses até produzir resultados.

O recomendável é que o executivo ao ser transferido do emprego ou ao trocar de funções, seja proativo e desenvolva um plano de aprendizado bem antes do primeiro dia de trabalho. Para conhecer melhor a organização, ele deve conhecer o novo produto, os clientes, ter noções do novo mercado, tecnologias e estruturas, bem como obter dados sobre a cultura e a política da empresa.

O ideal é que o executivo crie um grupo coeso, um time para auxiliá-lo nas ações a serem implementadas na nova empresa, e, neste time, uma peça fundamental é o profissional de comunicação, um Relações

Públicas capaz de dissolver todo e qualquer ruído nas informações entre os colaboradores.



Mario Alberto Magallanes Trejo

O bom executivo não deve perder tempo com quem não está interessado em participar da equipe. Formar o time certo e assegurar vitórias iniciais são pontos decisivos para uma boa transição, pois o fato de estar assumindo uma nova posição não lhe dá a certeza de já contar com a confiança de todos e exercer influência em todos. Os novos comandados sentem necessidade de se sentirem respeitados antes de concordarem em serem guiados.

Por conseguinte, para que o executivo tenha sucesso na sua nova posição é importante que a abrace por inteiro, o que significa deixar o passado para trás e construir relações e coalizões desde o início.

Algumas verdades através de algumas “máximas”

Potira Samara dos Santos Amaral

A máxima é famosa, e, esse tipo de atitude, antiquíssima: “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”.

Quando pequenos enfrentamos este conflito diversas vezes. Cansei de ter

que comer comidas horróras porque faz bem para saúde, quando mais ninguém da minha família comia. Cansei de ouvir que não se deve mentir nunca, quando diversas vezes exceções foram abertas.

Agora, crescidos, chegou à vez de nos depararmos com essas contradições na vida profissional. Sabemos, pois aprendemos no curso inteiro que quando a comunicação é bem feita gera os resultados esperados, e, o contrário também é válido. Portanto, creio que seja imprescindível o uso de, no mínimo, três palavras para não cometermos também o crime da contradição: ÉTICA, COERÊNCIA e TRANSPARÊNCIA.

Em algumas organizações os gestores pregam, acreditam em determinada idéia e cobram, de seus subordinados, atitudes não praticadas por eles próprios. Assim, geram, mais uma vez, conflitos em nossas cabeças que, sem um referencial e um exemplo concreto a ser seguido, fazem correremos o risco de cometer a mesma barbárie. Podem ainda, criar expectativas que não serão atendidas, reduzir a motivação e retardar, ou até mesmo, anular o processo de mudança. E tudo isso me faz refletir novamente no mesmo assunto do artigo anterior: ATITUDE e em uma frase que me causou impacto: “Aquilo que tu fazes ecoa tão forte nos meus ouvidos que eu não consigo ouvir o que tu me dizes”.



Stefanie L.

Está na bíblia: “toda palavra não seguida da obra correspondente será letra morta”.

Secretário de Segurança deveria solicitar pesquisa de opinião pública

Michel Ayres Machado

Esta semana ficamos sabendo pelos meios de comunicação da proposta de "Lei Seca" feita pelo secretário de Segurança Pública do Rio Grande do Sul, José Francisco Mallmann. Com ela, ele tem o intuito de combater a criminalidade através da proibição do consumo de álcool em determinados locais de frequência pública. A proposta está gerando grande polêmica na capital e em algumas cidades do interior.



Camilla Lichti

O ponto questionado pelas prefeituras diz respeito ao desemprego que esta medida poderá resultar. Inclusive, para alguns profissionais de Relações Públicas que lidam com a imagem de algumas casas noturnas, nas quais este tipo de bebida é o principal ponto de atração de frequência.

O nosso secretário deveria ter solicitado, a sua equipe de apoio, uma pesquisa de opinião para saber o grau de satisfação da população antes de anunciar este projeto de lei. Assim, evitaria tanta discussão em torno desse assunto.

Sabemos que, em outros países, esta lei é regularizada a partir da meia-noite. Ela coibe a criminalidade e alcança resultados positivos, mas também incorre em pontos negativos, como o do crescimento de corrupção policial e o aparecimento de gângsteres.

Tendo em vista que o Brasil não é um exemplo de boa conduta e a corrupção circula livremente pelos bastidores de todos os setores, o Secretário deve se precaver com medidas sábias e, uma delas, seria de organizar uma equipe de comunicação para ele estar interligado com as opiniões da população.

Somos nosso pior “inimigo”

Michele Maserà

Esta semana gostaria de compartilhar com meus colegas, algumas das angustias e conquistas vividas. Nos últimos dias tive algumas experiências, as quais foram estimulantes, mas que, como se diz popularmente, me deixaram com o “cabelo em pé”.

Existe competitividade, e se não estivermos atentos podemos ser ultrapassados e atropelados sem piedade. O “inimigo” vive muito mais próximo do que imaginamos. Não estou exagerando não. Existe sim um “inimigo”. Ele é arrasador. Ele sabe de nossos pontos fortes, mas sabe, principalmente, nossos pontos fracos.

Alguns já podem imaginar quem pode ser essa pessoa? Então, imaginem quem é a pessoa que melhor nos conhece! Estou falando de nós mesmos.

Para entenderem ao que me refiro, vou relatar alguns acontecimentos recentes: tive que organizar esta semana que passou alguns eventos médios e grandes, como cursos, coquetéis, palestras, treinamentos, alguns coincidindo em data e horário. Como foi difícil, pois se tomou a decisão que deveriam ocorrer sem a adequada

antecedência. Planejamento é tudo. O tempo foi curto, mas consegui bons resultados.



Thomas Debrav

Já havia os diagnósticos. Passei direto para a parte de ações, resultados esperados e possibilidades de atingir os resultados e de forma alcançá-los.

Na quarta-feira quase surtei, pois as coisas decididas muito em cima da hora geram uma correria estressante. Foi o dia do coquetel mais requintado, do treinamento com as equipes de enfermagens e geração, criação e envio de correspondência para o evento da próxima terça-feira, dia 22 de maio. Parecia que nada daria certo. Havia muita coisa atrasada, os expositores para o coquetel não haviam chegado, o ministrante para o treinamento ligou dizendo que se atrasaria, as encomendas da decoração não chegavam e a hora de ambos os eventos se aproximava.

Quando falei que somos nosso pior inimigo, quis dizer que se não fizemos o planejamento e organização com antecedência, nós mesmos colocaremos tudo em revés. Podemos perder o controle da situação, não sabendo ao certo o que temos que priorizar.

Uma situação que ilustra esta afirmação ocorreu em um coquetel, onde havia uma entrega de prêmios. Devido ao atribulamento de tarefas, não forneci a ordem de entrega da premiação a pessoa que estava se

comunicando com o público. Tive que, um pouco constrangida, improvisar as informações, conseguindo contornar o problema a tempo.

São pequenos detalhes como este que podem nos levar ao “holocausto” na nossa profissão. Eles dependem exclusivamente de nós, ou seja, de nossa intervenção direta ou da adequada delegação de tarefas. Tudo sempre precisa ser revisado e supervisionado.

Sarau de Comunicação: uma possibilidade de expressão acadêmica

Inês Manthei

Nesta última quarta-feira, dia 23 de maio, ocorreu na FACCAT, no saguão do bloco D, o Sarau da Comunicação, promovido pelas agências de publicidade e propaganda e de relações públicas da instituição.

Valia qualquer talento: cantar, dançar, tocar algum instrumento, recitar poesias. Infelizmente, poucos se inscreveram, e alguns contratemplos aconteceram como uma aluna que havia se inscrito e na hora “H” “amarelou”, deixando uma lacuna no evento, que, por sorte, foi preenchida por outro colega, conhecido por todos como Bira. Ele nos brindou com uma bela apresentação.

Outro fator que vale ressaltar é a pequena presença dos alunos. Muitos dos ausentes são justamente aqueles que reclamam que a faculdade não promove outros eventos. Poucos destes se dispõem a participar das agências, dos núcleos, ou de, simplesmente, valorizar e prestigiar o trabalho daqueles que tanto se esforçaram e se dedicaram para que o Sarau acontecesse.

Este momento em que estamos na faculdade é único, por isso, deve ser aproveitado da melhor maneira possível. Não vamos ficar parados de braços cruzados esperando que as coisas aconteçam, ou que outros vão até lá e façam por nós. É aqui, que começa a nossa história, que acumulamos experiências e, principalmente, que estamos na “vitrine”.



A. Feldmann